

A divisão do trabalho educativo

Marciléa Silva de Freitas*

Maurice Tardif, Louis Levausseau; *A divisão do trabalho educativo*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, 304 páginas.

O livro trata das transformações do sistema educativo em contextos contemporâneos. A abordagem é clara e o aspecto central da análise diz respeito ao surgimento e à multiplicação dos agentes educativos e de sua interação com a escola, os docentes, os alunos. A pesquisa gira em torno dos questionamentos decorrentes dessa mudança, que, no decorrer das análises, acabam levando a novos questionamentos, no âmbito de uma visão sociológica de grande contribuição para a tomada de decisões no contexto do sistema educativo.

A divisão do trabalho educativo tem o objetivo de compreender as razões do surgimento desses diversos agentes e as funções por eles exercidas, que revelam importantes mudanças no que diz respeito à organização escolar e aos modos de tratamento diferenciados que esta oferece aos alunos.

Os autores definem como “trabalho educativo” o conjunto das tarefas e funções realizadas pela totalidade dos agentes de educação incluídos os docentes, o que contribui conforme as diversas modalidades e finalidades na realização do processo de escolarização, em estreita interação com os alunos.

Toma-se para análise o estudo dos agentes de educação que intervêm, diretamente ou não junto aos alunos, no processo de escolarização. O interesse dos autores em abordar a situação da escola contemporânea à luz da organização do trabalho educativo e de seus agentes, deriva do pressuposto de que o quadro educativo constitui o que eles

* Aluna do curso de Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Atua na área da docência em cursos profissionalizantes. Email: marcisilvafreitas@gmail.com.

A divisão do trabalho educativo

chamam de pedra angular da escola, já que é ela que assume concretamente as missões de instruir, socializar e de qualificar os alunos.

A obra, *a divisão do trabalho educativo* é resultado de pesquisas que foram realizadas desde o início dos anos 2000 com diversas categorias de agentes técnicos, com os profissionais não docentes e docentes. Tardif e Levasseur fazem uma breve contextualização histórica, para posteriormente estabelecer uma comparação entre as mudanças ocorridas.

De modo geral, nos países europeus e latino-americanos, ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX, os quadros profissionais das escolas públicas se reduziam a pouquíssimas pessoas. No ensino fundamental, onde se tinha a maioria da população escolar, era predominante a escola de turma única, onde um único docente se ocupava de tudo e de todos. Já no ensino médio público, a escola era questão de alguns docentes, de um diretor (geralmente um docente liberado para esta função) e às vezes um porteiro. Os autores mostram que, de maneira geral, a rede escolar norte-americana do século XIX, em boa parte privada, permanecia largamente desorganizada. A frequência escolar na maioria dos estados americanos e das províncias canadenses geralmente não ultrapassava a cifra dos 50%.

A escola fundamental pública era acima de tudo um espaço exclusivo de trabalho dos docentes que formavam a maioria do pessoal escolar. Estes docentes, majoritariamente do sexo feminino, eram mal remunerados e mal formados, e muitos deles abandonavam a atividade em alguns anos de trabalho. Docentes que os autores qualificam como “generalistas” davam conta não apenas do ensino de todas as matérias do programa como também das tarefas pedagógicas e ainda, com frequência, de outras tarefas vinculadas à vida escolar, da limpeza dos alunos à da sala de aula, passando por todas as formas de apoio às crianças a aos adolescentes.

Na América do Norte, o campo da Educação especializada constitui o espaço institucional mais numeroso. Em resumo, no espaço de cinquenta anos (1930-1980), aconteceu o que os autores definem como processo de recomposição e de divisão do trabalho educativo. O que conduziu à especialização e à subdivisão de funções.

O corpo dos agentes escolares americanos é muito numeroso e muito diversificado segundo os diferentes estados e regiões do país (costa leste, costa oeste, etc.), de acordo com os grupos étnicos (brancos, afro-americanos, hispânicos, etc.) as cidades, os

A divisão do trabalho educativo

distritos rurais, etc. No entanto, na ordenação do livro, os autores consideraram sua composição de conjunto e categorias de agentes.

Em comparação com a escola norte-americana, a escola francesa possui uma história muito mais antiga de tradições institucionais específicas, isto é, uma cultura política-educativa nacional que a diferencia substancialmente. No tocante ao território nacional e à população que serve, a escola francesa se mostra tão vasta e tão complexa quanto a escola americana. O sistema educativo francês soma, em 2010, aproximadamente um milhão de agentes; trata-se de um setor que absorve bastante mão de obra, pois 6% da população ativa da França atuam nesse setor. Tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, um terço dos agentes educativos não é de docentes e eles representam 23% da despesa global consagrada à remuneração do contingente educativo.

Os autores destacam que no centro da escola pública norte-americana existe um largo processo de recomposição do trabalho educativo caracterizado por uma diminuição da importância dos docentes na organização escolar e por um surgimento de grupos de agentes profissionais e técnicos que se apropriam de uma parte dos afazeres educativos tanto no plano da instrução quanto da socialização dos alunos.

No entanto, a escola pública de Quebec conheceu no âmbito do pessoal escolar uma evolução histórica global, análoga àquela da escola americana, apesar do atraso de alguns decênios e dos deslocamentos das ideologias educativas presentes (fortemente religiosas no Quebec antes dos anos 1960 e marcadas por uma dualidade linguística).

De acordo com a análise realizada pelos autores, no plano de sua gestão, o sistema escolar público do Quebec situa-se de alguma forma a meio-caminho entre o centralismo à francesa, com um Estado forte e regulador, que pilota o conjunto do sistema escolar sob tutela; e a descentralização americana, com comissões escolares dirigidas por pessoas eleitas e estabelecimentos possuindo uma margem de manobra sempre mais crescente. No Quebec, à semelhança da maioria dos países, os docentes possuem uma formação universitária de primeiro ciclo (equivale hoje a quatro anos de universidade, ou seja, dezessete anos de escolaridade total). Esta formação de base, em termos de duração é comum desde os anos de integrados num corpo profissional unificado sem distinção de estatuto e de remuneração: todos os docentes recebem o mesmo salário, que varia unicamente em função dos anos de antiguidade e de formação (licenciatura, *master* ou doutorado).

A divisão do trabalho educativo

Desde os anos de 1980, momento de proliferação do pessoal técnico na escola, os docentes são confrontados com evoluções socioeducativas novas que marcam profundamente suas condições de trabalho e sua relação com os alunos. Tardif e Levasseur evidenciam que estas evoluções induzem a novas dinâmicas e a novas configurações do trabalho educativo doravante dividido e compartilhado entre os docentes, os profissionais e os técnicos.

No que se refere à finalidade e funções do trabalho técnico, Tardif e Levasseur colocam a área institucional do trabalho técnico como larga e diferenciada. No entanto, alguns técnicos trabalham mais diretamente com os alunos, e assumem junto deles uma presença, que é entendida pelos autores como função que consiste em transmitir-lhes valores ou regras elementares de civismo, favorecendo neles o desenvolvimento de competências comunicacionais ou sociais, certo controle de si, uma capacidade de reflexão, permitindo-lhes compreender o alcance de suas palavras e de seus gestos sobre os outros – que consiste enfim em ouvi-los, aconselhar-lhes um olhar sobre a própria vida pessoal, acadêmica, vida de futuros cidadãos e de futuros trabalhadores.

Sob a ótica dos autores, uma questão importante foi o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, que tornou necessária a criação de um serviço, permitindo que as escolas acolhessem os alunos fora do horário regular dos cursos. Os serviços de cuidado destinam-se aos alunos de todas as turmas do ensino fundamental, cujas idade variam entre 6 e 12 anos. Suas educadoras devem cuidar dos alunos de manhã, ao meio dia e à tarde, aguardando que seus pais os busquem, após a jornada de trabalho.

É destacado pelos autores na obra, que no atual contexto socioeducativo, a ausência destes técnicos permite supor que o fracasso e o abandono escolar poderiam ser ainda piores em alguns membros de direção escolar sustentam que várias escolas não podem funcionar sem eles.

Ao final desta etapa da pesquisa os autores discutem um conjunto de questões que permanecem e representam diferentes desafios, que continuam sem resposta, que devem ser enfrentados nos ambientes escolares. E sugerem que, todas as questões tratadas na obra, exigem respostas não somente sociológicas, mas políticas ou administrativas; tendo a sociologia contribuído aqui na delimitação dos parâmetros dos desafios das autoridades políticas e escolares quanto à repartição técnica e profissional dos serviços aos alunos, na definição da situação profissional dos técnicos em ambiente escolar. Os

A divisão do trabalho educativo

autores também ressaltam que é necessária uma reflexão sobre as diferentes formas com a qual a escola contemporânea trata os alunos por meio da organização do trabalho educativo e a divisão das tarefas que auxiliam na instrução e socialização dos mesmos.